



# Educação contra as fake news

Alfabetização para o mundo digital e estímulo à leitura são cruciais no combate às notícias falsas

GABRIELLA BRAZ

**D**iante de um cenário de difusão constante de informações (e desinformações), o tema do combate às notícias falsas se tornou central nas discussões, e se engana quem pensa que a educação para as mídias se resume ao combate às fake news. A boa notícia é que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê a inclusão da educação midiática, isto é, a alfabetização para o mundo das mídias, no ensino básico como um dos temas centrais. Mas como saber se o tema é trabalhado de forma adequada com os alunos?

Coordenadora do Educa-Mídia, programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta, Daniela Machado explica que a educação para as mídias pode ser incluída nas mais diversas disciplinas escolares. “Quando falamos de educação midiática, estamos falando de um conceito guarda-chuva que dá conta de uma série de habilidades essenciais para que a gente efetivamente participe da vida em uma sociedade conectada”, explica.

Entre essas habilidades está desenvolver uma leitura crítica para entender o contexto da mensagem, se é um dado ou uma opinião, além de formar produtores de conteúdo mais responsáveis com o que vão postar ou não. A especialista explica que, na hora de analisar se uma escola trabalha ou não a conectividade com o mundo virtual é preciso olhar para como o uso da tecnologia é abordado. “Não é suficiente ter os dispositivos, a gente também precisa ter a oportunidade de aprender a navegar neste grande universo da informação.”

Arquivo pessoal



Projeto ‘Conhecimento é vacina para a desinformação’ visita escolas públicas de Brasília

## Conteúdos nocivos

*O universo da desinformação tem se expandido, por isso, é essencial estar atento não só ao conteúdo da informação, mas ao autor e à intenção da mensagem. Saiba outros tipos de conteúdos desinformadores além das notícias falsas.*

### Contexto falso

Às vezes, uma informação verdadeira pode espalhar desinformação se for tirada de contexto. Um exemplo bem comum acontece na política, quando quando algum discurso, geralmente antigo, — verdadeiro — de um agente público volta a circular na internet de

maneira descontextualizada, para parecer que o emissor se refere a outro assunto.

### Conteúdo manipulado

As famosas deep fakes têm se espalhado no meio digital e tornado cada vez mais desafiador identificar conteúdos falsos. Algumas dicas para identificar se o vídeo foi artificialmente fabricado é prestar bastante atenção aos detalhes como dedos e se o movimento da boca condiz com o áudio do vídeo. Uma outra alternativa, mais simples e primordial, é observar se o vídeo foi publicado por fontes oficiais.

### Conteúdo patrocinado

Outro tipo de conteúdo que pode vir a contribuir para a desinformação são os conteúdos patrocinados. Eles podem ser encontrados em sites, jornais impressos e outros veículos de jornalismo, além de redes sociais, com as famosas “publis”. O diferencial desse tipo de texto é que eles seguem um padrão de texto jornalístico, mas os veículos ou a pessoa que está publicando esse conteúdo está sendo paga para isso. Não é errado publicar conteúdo patrocinado, mas ele precisa estar indicado para o leitor. Caso contrário, pode ser um tipo de desinformação.

## Novos leitores

Um relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

(OCDE) divulgado em 2021 trouxe um alerta para o cuidado com a nova geração de leitores do país. A publicação *Leitores do século XXI:*

*Desenvolvendo habilidades de alfabetização em um mundo digital* mostrou que 67% dos estudantes de 15 anos no Brasil não sabem distinguir um

fato de uma opinião. A média entre os países registrados pela OCDE foi de 53%.

A preocupação com a formação de novos leitores foi o recorte escolhido pela jornalista Gracielly Bittencourt para o combate às fake news na região onde mora. À época, antes da pandemia da covid-19, a repórter escolheu um tema que seria ainda mais relevante nos anos seguintes: as campanhas de vacinação. Segundo ela, a proposta inicial era falar sobre a vacina contra o papilomavírus humano (HPV). “O público-alvo dessa vacina são adolescentes de 9 a 14 anos, então pensei: ‘Não tem lugar melhor para fazer isso do que nas escolas’”, conta.

Em 2022, nasceu o projeto *Conhecimento é vacina para a desinformação*, que visita escolas públicas do DF para discutir a disseminação de notícias falsas, em especial na saúde. A iniciativa já passou por três escolas, com dois dias de programação que envolvem palestras e oficinas com especialistas.

A coordenadora do projeto conta que o grupo aplica um questionário antes das atividades para saber se os alunos se vacinaram. Ao fim dos dois dias, eles fazem outra pesquisa. “Vejo muitas respostas com ‘eu não tomei porque eu achava isso, agora que eu entendi tal como funciona, porque é importante, eu tomaria’. Então tem esse efeito prático nos estudantes”, diz. Gracielly destaca ainda o poder “multiplicador” da oficina. Segundo ela, muitos professores querem abordar o tema em sala de aula, mas ainda faltam orientações sobre como trabalhar o assunto.